

D'Ori Vergalhão



PÉS DO MUNDO



D'Ori Vergalhão

PÉS DO MUNDO

Bady Bassitt-SP

2011

PÉS DO MUNDO

A beleza é exclusividade do coração...

Somente o que amamos torna-se belo aos nossos olhos!



D’Ori Vergalhão

*Dedico à Dinorah Pinheiro, minha inesquecível
professora do primeiro grau, na tão querida
cidade de Sertaneja, Estado do Paraná.*



PÉS DO MUNDO

D’Ori Vergalhão

“Não merecemos a bênção de Deus!...

Em cada grão que colhemos está

a presença Divina, mas só

conseguimos ver um mero feijão!...

Porque só temos olhos para nós

mesmos.

Não temos olhos para o feijão!”

Frei Messias

PÉS DO MUNDO

CAPITULOS:

I - Um Segundo Messias.....	9
II - Nênias e Adalgisa.....	35
III - Aline.....	49
IV – Uma nova capela para frei Messias.....	59
V – Vitória e derrota.....	75
VI - Reconciliação.....	97
Reflexões de Frei Messias.....	105 a 108

I

UM SEGUNDO MESSIAS

Haviam trazido para as imediações um batalhão de agitados homens amarelos e um mundaréu de trambolhos de ferro. Então, menos de um dia transcorrido, o rugido de motores já quebrava a tranqüilidade secular da roça e espantava as avezinhas nos arvoredos retorcidos do caminho. Foi quando, no vilarejo de casebres de taipa, correu o murmurinho de boca em boca:

- Estão asphaltando a estrada do matagal!

Revolta e indignação se apossaram de todas aquelas boas almas. Abandonado o serviço na colheita de feijão armaram-se de foices, paus e enxadas, a seguir investindo adoidados sobre os assustados homens amarelos que se escondiam entre os monstros de aço. Mas eis que chega o prefeito no seu jipão com teto de lona empoeirada, já vociferando sobre a humildade enfurecida dos roceiros esfarapados.

PÉS DO MUNDO

- São loucos? É o progresso chegando a Pés do Mundo!...

A voz uníssona dos camponeses trovejou enquanto seus braços e punhos fechados se erguiam, olhares indignados a se derramarem sobre a presença apalermada do Prefeito.

- Não queremos o progresso! Ele não nos fará felizes!...

Frei Messias não se juntara a multidão, mas quando se julgavam perdidos os operários vislumbraram sua figura amarrotada entre os roceiros enfurecidos. Adiantando-se se interpôs entre os seus e os trêmulos homens amarelos. Nada falou, apenas olhou longamente os camponeses e lhes fez um simples gesto com sua mão. Docilmente todos o seguiram em direção ao matagal e, para alívio dos homens amarelos, foram sumindo um após outro entre o arvoredo encipado. Além do matagal se estendiam as roças de feijão. No meio da lavoura a mesa forrada com toalha branca e sobre a mesma, a taça de vinho e o cesto de pão; e a cruz onde Jesus mostrou o poder do

D'Ori Vergalhão

sacrifício aos homens. Frei Messias celebraria, como a tantos anos, na colheita de feijão, a santa missa campestre em louvor e agradecimento ao alimento principal dos habitantes de Pés do Mundo.

- A humanidade não merece a benção de Deus. Em cada grão que colhemos está a presença Divina, mas só conseguimos ver um mero feijão! Porque só temos olhos para nós mesmos. Não temos olhos para o feijão!

Ao término da missa frei Messias exortou seus fiéis à paz e à concórdia e os abençoou.

- Voltem para as suas ocupações e rezem!



Nos dias que se seguiram, o Prefeito solicitou o apoio do contingente policial da cidade vizinha, para proteção dos homens amarelos, a fim de concluir a rodovia. Pois Pés do Mundo não tinha policia, até então.

PÉS DO MUNDO

Moradores que eram do bem e amigos, crimes nunca aconteciam no lugar.

Pés do Mundo também não tinha escola, nem farmácia. Só uma capela onde frei Messias celebrava nos domingos e, durante a semana teimava, com pouco êxito, a ensinar as letras à meninada.

O Prefeito anunciara a construção de um centro de saúde. Para que?... Se ninguém quase nunca ficava doente em Pés do Mundo?... E, quando se ficava não tinham, pois, a velha e querida Nhá Zefa benzedeira com suas rezas e poções miraculosas?!...

Também não existia comércio... Nem mesmo um barzinho ou quitanda. Tudo o que se colhia destinava-se a própria subsistência e o que sobrava era distribuído entre quem não tinha ou tinha menos. No máximo trocavam os bens e todos eram felizes assim.

Mas o Prefeito queria o progresso para Pés do Mundo. Sonhava com uma cidade pujante, com indústrias e mercados, escolas e

faculdades. Queria mesmo até mudar o nome do lugar... Para isso já tinha convocado um plebiscito. Mas como o povo não compareceu para a votação, pois para todos o nome era ótimo menos para o Prefeito, sugeriu, de seu gosto, o novo nome da cidade. (O Prefeito fazia questão de dizer cidade ao referir-se ao seu pobre vilarejo). E da sugestão inicial passou a imposição sob pena de multa e até mesmo prisão. - Prisão?... Mas Pés do Mundo sequer cadeia tem? Para que cadeia se nunca acontecem brigas ou roubos em Pés do Mundo?

- Pois vou construir uma cadeia pública e quem não chamar a cidade ora em diante ***“Olhos do Mundo”***, há de amargar até seu último dia de vida na prisão. - Mandou avisar a todos. Não que era mau, o magistrado; na realidade amava seu povo e queria ver cada habitante da sua cidade prosperar, vivendo assim com mais conforto e segurança.



PÉS DO MUNDO

E os comerciantes foram chegando a Olhos do Mundo, atraídos pelos incentivos fiscais apregoados pelo prefeito. - Mas que incentivos se Olhos do Mundo nunca conhecera impostos?

Pois agora tinha!... Todos deveriam pagar seus impostos como a boa cidadania impõe.

- Sem impostos como Olhos do Mundo construirá escolas e creches para as crianças?!...

Foi assim que o Prefeito mandou afixar em lugares, bem visível, a primeira lei municipal:

“Irá para a cadeia quem teimar em chamar a cidade pelo nome Pés do Mundo”.

Porém ninguém sabia ler em Olhos do Mundo, com exceção de Frei Messias, esse sim lia na língua nacional, latim e grego; e o Prefeito que soletrava regularmente.

Então o Prefeito escolheu o terreno para dar início a sua primeira obra em Olhos do Mundo: o prédio da cadeia pública. Até já encomendara, junto aos comerciantes que

abriram seus negócios na cidade, o material preciso para iniciar a construção.

Mas na hora agá faltaram os recursos e a obra nunca saiu do projeto... Assim, tempos depois, acabou sendo arquivado, pelo Prefeito, na grossa pasta intitulada: “andamento prorrogado por tempo indefinido”.



Foi mais ou menos nesta época que se instalaram em Olhos do Mundo, um abatedouro de aves, um atacadista de cereais e um laticínio.

- Boa vinda às primeiras indústrias de Olhos do Mundo!!! - Festejou o Prefeito na praça central da cidade que, na realidade, nunca fora praça coisa alguma. Era apenas um vasto terreno sempre cheio de mato. Mas agora o prefeito mandara carpir e colocar alguns bancos de madeira confeccionados na marcenaria Formão & Pau que, recentemente, iniciara suas atividades em Olhos do Mundo.

PÉS DO MUNDO

Não contente ainda, promulgou a segunda lei:

“Fica expressamente proibida a troca de produtos entre as famílias. Toda a produção excedente de grãos e animais deve ser vendida aos atacadistas estabelecidos em Olhos do Mundo”.

- Precisamos incentivar o comércio e a promissora indústria da nossa cidade. - Pregava o Prefeito. - Além disso, vendendo o excedente das colheitas, os sitiantes poderão juntar dinheiro para comprar tratores e implementos agrícolas, aumentando a produção de grãos e hortaliças, tornando forte a economia do município e trazendo prosperidade e riqueza para todos os cidadãos olhos-do-mundenses.



Porém todos os comerciantes da cidade ofereciam uma ninharia pelos mantimentos, assim como o laticínio pelo leite produzido pelos camponeses. Então, numa manhã de sexta feira,

os agricultores de Olhos do Mundo se reuniram defronte a prefeitura.

- Pois é assim que o senhor Prefeito quer?
– Gritavam nervosamente todos - Não podemos fazer permuta do que colhemos, como sempre se fez por aqui desde nossos tataravôs?

E, indignados, quebraram na soleira da porta da prefeitura os ovos juntados durante a semana, derramaram entre as roseiras o leite e esparramaram os grãos meio aos jardins do paço municipal. O Prefeito espiou pela janela a turba em protesto.

- Pois não perde por esperar, bando de esfarrapados!...



Não se tinha titulos de posse de terras em Olhos do Mundo. Ali moravam famílias centenárias e nunca alguém se interessara em legalizar na sede da comarca o que era seu.

PÉS DO MUNDO

Havia apenas um documento, muito antigo, nos arquivos municipais, pelo qual coronel Antonio da Cruz Formigas, dias antes da sua morte doara, ao então Arraial de Pés do Mundo, cerca de mil acres de terras a serem cultivados pelas oitenta e sete famílias que habitavam sua fazenda de café. Além desta área cultivada pelo povo de Pés do Mundo as demais terras que constituíam o município eram devolutas.

Por este documento, portanto, entendeu o Prefeito que todas as terras pertenciam à cidade. Cuidou então, na comarca, junto ao cartório de registro de imóveis, de lavrar escrituras em nome da prefeitura de Olhos do Mundo. Todos então passaram a morar e cultivar terras municipais, sendo justo assim que, de ora em diante, além dos impostos taxados sobre bens e serviços, pagassem aluguéis a prefeitura pelo uso de propriedade. No entanto, o Prefeito sabia de velho e caduco que seus concidadãos eram pobres demais e nem impostos nem aluguéis pagariam. Na realidade, queria apenas assustar seu povo e tentar, desta

forma, a conscientização para a mudança de vida da população que tanto desejava ter. Então mandou anunciar a todos que, quem derrubasse seu barraco para a construção de casa de alvenaria, receberia o título de posse do terreno que cultivava e do lote urbano de sua casa. Não se conformava em governar uma cidade de casebres de taipa no risco de, a qualquer momento, ruir sobre as criancinhas inocentes que neles habitavam.



Frei Messias deixou sua capela e se dirigiu a passos sossegados para a prefeitura, entrou resoluto na luxuosa sala do prefeito. Luxuosa porque, além da prefeitura ser a única construção de tijolos do vilarejo, mesmo com paredes sem reboco e telhado de tabuinhas pregadas, a sala do prefeito ostentava uma escrivaninha de madeira, onde se despachava, cadeiras de estofado cinza roto pelo longo uso e um grande quadro dependurado na parede, no qual fora imortalizado o Imperador, em seu

PÉS DO MUNDO

cavalo, no célebre grito da independência. Cabeça erguida; nunca na sua vida religiosa baixara a cabeça para alguém. Não que fosse orgulhoso, mas consciente da sua posição de líder daquela gente pobre e roceira. E, verdade dita, quanto precisavam da sua liderança aquelas modestas pessoas. Quase não falava; bastava um olhar e já o entendiam.

O Prefeito, por seu lado, o olhou com desdém. Mas não eram momentos para ressentimentos nem intrigas. Sabia de antemão que precisava, como nunca, da ajuda do frei para dominar as cabeças duras que habitavam sua cidade. E foi direto ao assunto:

- Quero que fale você com a população e a convença que são horas de mudanças. Não se pode continuar como nossos avós viviam, muito menos pensar como pensavam. O mundo está em continua evolução e os progressos das cidades vizinhas nos deixam em época medieval. Temos que convencê-los que a prosperidade será um bem comum e todos desfrutarão da

bonança que o progresso e a riqueza disseminarão por nossa cidade e região.

Tranquilo, frei Messias encarava seu interlocutor.

- Vossa Excelência confunde bem o trâmite. Esquece que sou um religioso e tenho votos de pobreza e desapego a tudo que é material?!

O prefeito o olhou com ódio, certo de que aquele homem vestido de batina marrom surrada pelo longo uso era, na realidade, o pedregulho rolado no seu caminho. Ele era o culpado do seu povo teimar em viver na pindaíba todos aqueles anos. Percebeu que não podia mesmo contar com um miserável frade para os seus objetivos e urgia livrar a urbe, o quanto antes, da sua presença e extravagâncias que incentivavam aquela gente a viver na pobreza suprema, no comodismo e preguiça de lutar por uma melhora de vida. Sentiu rancor; impetos de vingança coroando sua cabeça, minando seu coração.

PÉS DO MUNDO

- Sei que assim é, “eminência”. Apraz-lhe mantê-los brutalizados para os sempre ter no seu sórdido domínio. Sei também, pai dos farrapos humanos, que vossa reverência anda a incentivar a turba contra minha pessoa e o progresso da minha cidade.

Esperou em vão uma resposta do religioso e continuou:

- Se passa por um segundo messias. O primeiro, por seu topete, acabou pregado numa cruz. O segundo pode amanhecer dependurado pelo pescoço num galho de uma figueira qualquer!... Pense nisso!

Frei Messias não mostrou se abalar com as blasfêmias e ameaças proferidas em tom de rancor pelo Prefeito. Limitou-se a olhá-lo longamente; um olhar além mundo, pleno de mistérios, tal viesse de um ser irreal misto interplanetário e frangalho humano.

O Prefeito calou-se de repente, se contorcendo na sua cadeira, como se algo terrível tomara posse do seu corpo e corresse

por suas veias, dominando sua alma. Revirou os olhos na angústia mais atroz, escorregou do assento e caiu no chão de tijolos vermelhos do seu gabinete. Levantou-se a seguir trêmulo e confuso e encarou o religioso como se presenciasse o demônio sob aquela batina. Trôpego correu sala afora indo se esconder no almoxarifado, aos fundos da prefeitura.



O magistrado não despachou nos dias que se seguiram; mandou avisar a quem o procurasse que estava doente e fora à capital para tratamento. Cochichou dona Maricota aos ouvidos de Jeremias:

- Está transtornado... Precisa mesmo é de tratamento psiquiátrico o nosso Prefeito!

Mas voltou a ativa na semana seguinte, mais decidido e disposto do que nunca. Chamou impaciente seu assessor. (Agora o prefeito tinha um assessor que também fazia às vezes de secretário e tesoureiro da prefeitura, moço

PÉS DO MUNDO

ilustre e culto mandado vir da capital para os cargos, já que Olhos do Mundo só tinha caipiras grosseiros e iletrados incapazes de exercer qualquer função pública).

- Quero falar aos munícipes!... Avise cada chefe de família que venha à praça neste sábado.

Mas nenhum morador compareceu para ouvir o Prefeito.

- Se a montanha não vem a Maomé...

Dirigiu-se, juntamente com Jeremias e dona Maricota, ao primeiro casebre. Bateu na porta, embora estivesse aberta (as portas nunca se fechavam em Olhos do Mundo); o atendeu sô Raimundo. Para agilizar, pediu que dona Maricota e Jeremias chamassem os demais moradores em torno do casebre e logo se juntaram, à sombra do barraco, dez ou doze homens e mulheres e uma infinidade de crianças barulhentas.

- Quero lhes propor novamente. - Falou humildemente o Prefeito, quase a implorar. -

Façamos um mutirão. Enquanto construímos suas casas de alvenaria, suas famílias ficam morando na prefeitura.

- Não temos dinheiro para construirmos, falou algum dos presentes.

- É! Isso é! E o município também não tem verbas para custear a construção. - Coçou a barbicha de bode que gostava de manter na cara, o Prefeito. De repente estalou os dedos.

- Já sei! Montemos uma olaria! E todos nós destinaremos duas horas do nosso dia para fazermos os tijolos e telhas que precisarmos; eu me proponho a ajudar no trabalho, com prazer! O madeiramento não é problema, pois podemos reutilizar o de seus barracos, já que é aroeira. E as portas e janelas o marceneiro João, da Formão & Pau, fará para nós, mediante isenção de seus impostos por vinte anos e utilizando madeira do depósito municipal.

Notou desinteresse por seu discurso. Um após outro lhe virou as costas enquanto as

PÉS DO MUNDO

mulheres recolhiam as crianças, às pressas, para suas casas.

- Hei de livrar Olhos do Mundo dos seus barracos, suas mulas! – Gritou o Prefeito esmurrando o ar.



Na segunda feira o prefeito estava insuportável, palavras de dona Maricota. Do seu gabinete gritou por seu assessor.

- Chame o Lau soldado e seu capanga. Nhá Zefa começou erguer um casebre de taipa, próximo ao seu, a beira do Rio Fundão. Vá e a ordene que o derrube. Não aceito novos barracos em propriedades do município de Olhos do Mundo.

Montaram Jeremias e os soldados no jipe do Prefeito.

- Onde fica isso? - Perguntou Jeremias ao Lau soldado que dirigia a condução pela estradinha esburacada e tortuosa que, em seus

trechos, parecia ser tão estreita que os barrancos a cada lado iriam massacrar o jipe.

- Rio Fundão? Fica prá lá de onde Judas perdeu as botas; é o lugar mais distante e ermo do município. Não moraria lá por todo o ouro deste mundo!...



Nhá Zefa sorridente os recebeu e, como fazia com todos que a visitavam em seu casebre a beira rio, correu ao fogão de lenha no fundo da cozinha e retornou com a chaleira de café fraco e doce e três canecas de ágata esfolado pelo longo uso. Jeremias tremeu no cerne ao olhar o rosto digno e amável da anfitriã. No seu primeiro encontro com a benzedeira já sentiu a áurea de santidade e bondade que irradiava daquele grandioso ser.

- Viemos a mando do Prefeito. - Balbuciou meio sem jeito. - O ilustre senhor Prefeito ordena que pare a construção que faz aqui nos fundos, próximo ao rio. Lembra que

PÉS DO MUNDO

esta, como as demais, é uma propriedade da prefeitura municipal e está proibida a construção, que não seja de alvenaria, em todo o território do município.

Nhá Zefa sorriu mostrando os dentes falhos na boca.

- Pois diga ao senhor Prefeito que o terreno onde mora Nhá Zefa sempre teve os mesmos donos, desde meu bisavô até os dias de hoje. – E, sem pressa, foi a um canto da sala onde um velho baú, de pranchas de Angelim talhadas a facão, rangeu ao ser aberto, tirando dali um canudo de lata enegrecido pelo tempo.

- Faça o favor de ver o que tem dentro, senhor assessor!

Custou a abrir, visto a tampa de latão ter-se grudado pelo zinabre, comprovando que anos a fio as partes não de soltavam. Tirou dali um papel já quebradiço, amarelado pelo tempo. Era um título de posse datado e assinado pela Imperatriz, com os selos e o brasão do Império.

Lia-se o nome do beneficiado: “Antão da Dor e Saudade”.

- Pois é, seu assessor. Meu bisavô. Portanto essa propriedade é minha. Construo aqui o que eu quiser e como quiser. Diga ao senhor prefeito, por favor!

Ao sair, Jeremias olhou de soslaio a obra quase concluída. Embora levantada de barro e taboca, coberta de sapê e tendo portas e janelas de madeira lavrada a machado, era uma imponente construção. Talvez fosse pelo fato de ser construída com amor e desprendida de qualquer anseio de grandeza e vaidade que chamava tanto atenção.



Não ia nunca as missas dominicais de frei Messias. Naquele domingo resolveu pisar o chão de terra batida da capela; sentou-se bem atrás e ficou a escutar o breve sermão do seu rival que, naquele domingo, explicava certa passagem do evangelho sobre o destino das almas cristãs ao

PÉS DO MUNDO

paraíso. Antes do termino do sermão não se conteve, grunhiu em alto tom para todos ouvirem:

- Pois vossa reverência certamente irá para o mais quentes dos infernos!

Frei Messias calou-se por um momento e em seguida fez sinal com a mão aos fiéis que, tomados de inquietação, haviam iniciado um rumor semelhante ao balido de ovelhas a mercê da chuva. Restabelecido o silêncio, dirigiu seu olhar ao Prefeito encolhido no banco ante o temor da reação dos paroquianos indignados.

- Não existe inferno além do céu, meu filho!... E cada qual de nós construirá, nesta vida, o céu que teremos após a morte. Para os bons e fraternos esse céu será maravilhoso como nada se assemelha neste mundo. Mas para os maus e mesquinhos esse mesmo céu será como os próprios. Cabe a cada um construir seu céu, seja ele de flores e encantos ou de larvas e podridão!

Se recompondo o Prefeito retrucou:

D'Ori Vergalhão

- Pois então mereço um ótimo céu, já que dedico minha vida para o progresso e o bem estar desta cidade!

Frei Messias sorriu de modo esfíngico.

- Não duvido!... Quem sou eu para julgar seus méritos perante Deus? Mas creia que só existe o céu do trabalho e da justiça; não espere, portanto, um céu de prosperidade e glória!...

E continuou a celebração do rito dominical.



O Prefeito passou o final do domingo remoendo os ditos de frei Messias. Na manhã seguinte adentrou sorrateiramente o mato a procura de uma árvore forte e propensa. Cerca de duzentos metros da estrada deparou com o pé de jequitibá cujo galho se projetava, a menos de metro e meio, sobre sua cabeça calva imersa num torvelinho de pensamentos assassinos.

PÉS DO MUNDO

Retornando foi aos fundos da prefeitura, onde se guardava as ferramentas de uso do trabalhador braçal, a procura de um pedaço de corda. Fuçou entre os utensílios e achou um, deteriorado pelo uso, mas suficientemente forte para seus intentos. Sorrindo macabramente voltou para sua sala passando por dona Maricota, a recepcionista, que o olhou estupefata, mas não ousou perguntar.



O prefeito acariciou as ásperas cerdas com o pensamento voltado àquele que julgava ser o pior dos inimigos deste mundo, mas no momento seguinte estalou os olhos dementes fixos na corda que tomava vida e ia se enrolando gélida e escorregadia no seu braço; já não era uma corda que seus olhos doentios viam, mas negra e assustadora serpente, cuja cabeça hedionda se projetava ameaçadora em direção ao seu rosto. Apavorado chacoalhou seu braço na angústia insana de se livrar do medonho réptil, até que o teve lançado a seus pés e o viu

D'Ori Vergalhão

escorregar-se mansamente pelo chão sob a
escrivaninha. Então avermelhou e feito brasa
consumiu-se lentamente em cinza fumegante.

O encontrou, a funcionária, desfalecido
no chão do seu gabinete, ao lado da misteriosa
corda.



PÉS DO MUNDO



II

NÊNIAS E ADALGISA

- Somos imortais como qualquer criatura desse mundo; existimos desde os primórdios a bilhões de anos. O que morre é a consciência de sermos nós, pois continuamos a existir nos elementos naturais que formam o nosso universo desde o princípio. E a presença de Deus está deste princípio até o momento atual na sua criação. Mas não é assim que nos foi ensinado. Toda religião é idólatra nos seus conceitos divinos; esse deus serviçal que apregoam não existe. Nem quem se julga o maior dos ateus é capaz de negar a existência de uma Força Suprema que criou e organizou o mundo como o conhecemos, mas presumir que esta força existe a nosso favor é mentira. Essa mesma força que nos criou pode nos massacrar a qualquer momento, já que a vida nos sujeita a infortúnios diversos. O deus que nos deram a conhecer é deus de fracos e oprimidos, criado primordialmente para conter os ânimos de subjugados e perpetuar tiranos no poder, tendo sido, assim,

PÉS DO MUNDO

mais propicio a quem manteve sua força deixando todos os que o cercaram fracos. Urge, portanto, conhecermos o Deus dos fortes; para isso todos nós precisamos ser força. Eis, pois o verdadeiro Deus! Difícil é conhecê-lo, pois o deus tradicional está enraizado na nossa fé e esperança, além de ser cômodo para todos, seja para o opressor que se perpetua quanto para o oprimido que mantém a torpe ilusão da recompensa eterna. Além disso, conhecê-lo é nos livrarmos da idéia milenar do deus disponível, nos conscientizando que não está para suprir nossas necessidades, mas fortificar-nos carne e espírito na luta dia a dia contra a injustiça e a hipocrisia humanas.



Ao término da missa frei Messias percebeu o rapazola correndo em sua direção; era Nênias, o filho do gerente do banco. Frei Messias já o observara a caminho da escola, feliz pela vida a mexer com as crianças nos quintais, assoviando para os passarinhos, abraçando as

flores do caminho. Deixava pedaços de coração por onde passava. Nos seus dezessete anos cumpridos, mais parecia um moleque extrovertido, pleno da alegria dos simples e desapegados da seriedade mesquinha desta vida.

- Frei Messias! frei Messias! – Chegou, ofegante e sorridente, à frente do clérigo.

- Me aceita por seu amigo?

- Não tenho inimigos! - Sorriu jovialmente o frei. - Portanto...

- Quer dizer que me aceita, então?

Frei Messias indicou o banco de madeira à frente da capela. Sentaram-se e puseram-se a conversar.

- Meu pai é ateu, sabe?

Frei Messias mexeu negativamente com a cabeça.

- Não existe ateu. Apenas há quem tem menos fé, mas nem por isso Deus não o aceite

PÉS DO MUNDO

ou ame menos. Na realidade, há diversas formas de se crer em Deus e quem diz não crer, nele crê no seu modo negativo de pensar, entende?

- Não! – Sorriu o rapaz para frei Messias - Mas não é por isso que o quero como amigo.

Frei Messias, curiosamente, olhou para o mocinho.

- Então?

- Conhece Adalgisa? Claro que a conhece, que pergunta a minha!

- Adalgisa Ligia Nepomuceno.

- Eu sabia que a conhecia! – Vibrou o rapaz todo satisfeito da vida. - Sabe até o sobrenome da menina?

Frei Messias sorriu embevecido.

- Conheço todos por nome e sobrenome. Pois não fui eu quem batizou cada criança deste povoado?...

- Ah! Sei!

D'Ori Vergalhão

Neste momento o gerente do banco surgiu a uns vinte metros; vivia na sola do rapaz. Fez sinal para o mesmo que o viu e ficou sem graça, todo encabulado. Sorrindo amarelo despediu-se de frei Messias.

- Meu pai me chama, tenho que ir...
Posso voltar amanhã?

- Quando quiser meu filho!... Estarei a sua espera.



O Prefeito reuniu os seus vereadores.

- É preciso fazer alguma coisa e urgente!

- Mas como tirar esses pobres coitados dos seus barracos? - Perguntou João Fernandes, o presidente da câmara municipal.

PÉS DO MUNDO

- Depois, esses roceiros vivem aí há, pelo menos, duas centenas de anos. - Completou outro dos presentes.

- Realmente é um problema!... Mas cada problema tem sua solução! Temos que pensar.

- É perigoso mexer com eles!... Não que sejam violentos, pelo contrario. Olhos do Mundo é uma cidade privilegiada, por anos aqui não acontecem crimes. Todos viveram em paz e harmonia, até... - Calou-se então.

O Prefeito olhou o vereador que lhe falava, ficou carrancudo, retrucou irritado.

- Até?

O rapaz por sua vez avermelhou-se, baixou a cabeça todo sem jeito.

- Até fazermos o asfaltamento da estrada, não é seu vereador? É isso que vossa senhoria quer dizer? É uma corja de ingratos, isso sim! A rodovia trouxe o progresso e a modernidade que não querem aceitar; preferem seguir os pensamentos de atraso e ignorância de certo

freizinho, como fossem a incultura e a pobreza que nos aproximam de Deus e não a ciência e a prosperidade. Deus não quer um monte de roupas remendadas e pés descalços rezando ao seu redor! Isso que daria minha vida para que entendessem... Não fosse frei Messias!...



Nesse mesmo momento frei Messias fazia suas reflexões, na capela.

- O que importa é a felicidade, mas nem sempre o que julgamos ser o melhor é o melhor para sermos felizes.

Nêbias sorriu e olhou por um momento o rosto sereno do religioso.

- Me acham efeminado, frei Messias.

- Como assim?

- Por causa dos versos que escrevo.

Frei Messias abraçou Nêbias com carinho.

PÉS DO MUNDO

- O Senhor os quer ler? Se tiver um tempinho?



Resolveu insistir com seu povo, indo agora de casebre em casebre, ele e o seu assessor. As eleições se aproximavam e o Prefeito era candidato a reeleição, mas não ia pedir votos. Sua visita era pra falar o que todos já sabiam, mas não interessavam ouvir.

- A energia elétrica chegou a Olhos do Mundo, mas é impossível estendermos a rede de fios pela cidade, visto a irregularidade que suas casas estão construídas. Temos que demoli-las para alinharmos as ruas e fincarmos os postes. Aí reconstruiremos suas casas com tijolos e telhas, colocaremos nelas janelas e portas mandadas fazer na Formão & Pau e as pintaremos de branco; as paredes de azul ou verde. Nossa cidade ficará linda e ao findar o ano, no Natal, dependuraremos luzes coloridas

nos postes e faremos uma grande festa de inauguração.



- Somos míseros pretensiosos!... Julgamos que somente nós fomos agraciados com a imortalidade por nos darmos muita importância. Despercebemos que somos humilhados pela própria concepção por toda a vida e somos humilhados pelos humilhados, pois na ânsia de fugir desta situação tantos humilham para se sentirem melhores que os demais.

Assim é comum o pai humilhar ao filho e o filho ao pai.

O patrão ao seu empregado.

O professor ao seu aluno.

O policial aos marginais e os marginais às suas vítimas.

Tanto a vida quanto a morte são estritamente humilhações impostas a cada um

PÉS DO MUNDO

de nós. – Ficou por um momento a olhar o teto de sapê da capela, pensativo, como a preparar a palavra final tão importante. Depois continuou:

- Mas a morte deve ser presenciada com carinho, pois nos devolve às origens. É na simplicidade original da criação que nos unimos ao Criador.

Nênias atônito olhou para o clérigo.

- Nossa, frei Messias! Estranho ouvir isso de um religioso como o senhor.

Estavam a sós dentro da capela.

- Sabe, frei Messias... – Por sua vez, calou-se por um momento, ansioso, precisando criar coragem.

- Minha mãe morreu quando eu era bem pequenininho!...

Frei Messias levou a mão ao ombro do rapaz num gesto de apoio.

- Fui criado só por meu pai!...

Silenciou-se novamente, levantou os olhos mareados para frei Messias como a lhe pedir socorro.

- Meu pai mantém comigo sentimentos além de paternais, entende?

O religioso olhou profundamente o rosto do mocinho, percebeu o drama que se passava naquela pobre alma. Nênias, arrependido e envergonhado, se levantou e quis fugir da capela, mas Frei Messias o deteve segurando-lhe o braço, o forçando a sentar-se novamente ao seu lado. Nada disse. Simplesmente abraçou o moço e o estreitou ao seu corpo. Nênias se deixou ficar docemente, sentindo-se alienado, como se adormecesse no colo da sua mãe. Já anoitecia quando saiu da capela sentindo-se a flutuar nas nuvens de um céu sereno e único. Na penumbra do momento, pirilampos faiscavam entre os arbustos rescendidos de orvalho.

Manhã seguinte, frei Messias celebrou a missa como de costume, mas após erguer o cálice com o vinho no ritual da consagração em Cristo e proferir as palavras: “fazei isso para

PÉS DO MUNDO

celebrar a minha memória”, olhou atentamente para a ala das mulheres onde Adalgisa estava ajoelhada e falou em tom de triunfo:

- Bem aventuradas são as mulheres, porque inflamam o amor e prolongam a vida!...

Habitutados, porém, às excentricidades do celebrante, os fiéis nada mais estranhavam. Após a missa, já à saída da capela, chamou por Adalgisa:

- Quero lhe falar.



E eis que chegaram verbas do governo estadual para Olhos do Mundo. Eram poucas. - Mas o pouco com Deus são muitos. - Riu-se o Prefeito. Bem que gostaria de usar aquele dinheiro para a reforma da prefeitura, tirar as goteiras do telhado, mandar rebocar e pintar as paredes de tijolos enegrecidos pelos longos anos.

O Prefeito comunicou aos que o quiseram ouvir:

- Vamos usar as verbas para a construção da olaria municipal!...



Enquanto isso, frei Messias ouvia seu amigo, o jovem Nênias.

- O Prefeito o acusa de manter no povo a mentalidade do atraso!

Frei Messias riu-se.

- Deus se manifesta na pequenez e modéstia; meu povo não é atrasado, mas puro na sua forma de viver! O progresso gera conforto e comodidades, mas é também o pai da ambição e dos vícios. E o ambicioso explora os fracos e ingênuos, oprime e humilha a quem seja ao seu redor. A riqueza, quase sempre, é a locomotiva da mesquinharia e do egoísmo...

PÉS DO MUNDO

Crimes hediondos maculam desde sempre a história, motivados e até justificados pela ganância dos mais ricos. Além disso, modernidade nunca significou cultura ou desenvolvimento. Não são a riqueza e a prosperidade que nos tornam desenvolvidos e sim, a manutenção e o fortalecimento dos conceitos de justiça, honra e dignidade. Nossas crianças crescem livres dos vícios e da violência porque estão imunes da televisão e de outros meios que a modernidade oferece a elas na pele de desenvolvimento e cultura. Depois, não sou eu quem cria ou mantém a mentalidade do meu povo... Já era assim antes que eu nascesse. Digo que fui eu quem assimilou os conceitos dessa gente desde pequenino.

Folheou o maço de papéis amarrotados que Nênias colocara em suas mãos e os começou a ler.



III

ALINE

*havia um sol no céu
e uma lua na terra
e estrelas no mar
que douravam os corais
e as profundezas dos abismos

havia você
pequena e inocente
frágil
mas eterna
doce
e onipotente
um pedacinho do céu
um bocadinho do mar
e o gosto da terra mãe*

PÉS DO MUNDO

havia você

havia Aline

havia tudo

tudo o que eu mais queria nesta vida

havia

ALINE

e Aline respirava

o mesmo ar que eu respirava

se chorava

no seu bercinho dourado

eu sorria

eu sorria porque Aline chorava

eu sorria porque Aline sorria

eu sorria porque Aline mamava

eu sorria

D’Ori Vergalhão

sorria por ver Aline

sorria por ter Aline

eu sorria

por sentir Aline

eu sorria

por ser Aline

sorria por ver e ter Deus em Aline

eu sorria

ALINE

Aline era Aline

mas Aline era eu

sim

porque eu já não podia ser sem Aline

eu era Aline e Aline era eu

o dualismo do eu

PÉS DO MUNDO

a unidade do nós
mas Aline chorava no seu bercinho
e eu sorria
Aline chorava porque existia
e eu sorria porque amava
a amava
amava a existência
amava Aline
amava Deus
eu amava

ALINE

Aline era Deus por ser Aline
eu era Aline por amar Deus
Aline chorava no seu bercinho
e eu sorria por ser Aline

D'Ori Vergalhão

pois Aline era eu

Deus me dera Aline

e se dera a mim na pequena Aline

dera-se por amor

absoluto

infinito

mas Aline chorava no seu bercinho

e Deus sorria

Deus sorria no choro de Aline

Deus sorria

por ter feito Aline

por estar em Aline

por ser Aline

Deus sorria

sorria em Aline

e se eu era Aline

PÉS DO MUNDO

eu era Deus
na pequena Aline
Deus em Aline
por isso Aline existia
por isso existia Deus
eu creio em Deus em Aline
em Aline eu creio em Deus

eu creio em Deus

ALINE

flores desabrochavam nos campos
e Aline desabrochava em flor
meu sorriso desabrochava
por Aline
então Aline chorava no seu bercinho

D'Ori Vergalhão

e eu ia colher flores

para Aline

por Aline

mas Aline era a flor

então eu ia colher a flor Aline

colher a flor do choro Aline

colher a flor do riso Aline

colher a flor

colher Aline

ALINE

eu sou Aline

PÉS DO MUNDO

ALINE

e Aline já não mais chorava

em seu bercinho

é que Aline crescera

agora Aline brincava

nos campos

corria pelos campos

meio as flores

a flor Aline

a brincar com as flores

e eu a correr com Aline

a brincar com Aline

a viver com Aline

a viver

como Aline

D’Ori Vergalhão

por Aline

com Aline

A L I N E

A L I N E

A L I N E

ALINE

e havia um sol no céu

Aline

havia Aline

a minha brilhante e eterna

Aline

plena de luz

generosa de calor

Aline

a fecunda

PÉS DO MUNDO

e uma lua na terra

e estrelas no mar

que douravam os corais

e as profundezas dos abismos

havia você

ALINE

Nênias



IV

UMA NOVA CAPELA PARA FREI MESSIAS

Satisfeito da vida perambulou entre os montes de tijolos e telhas, os primeiros lotes produzidos pela olaria. Falou todo eufórico:

- Esses tijolos têm a bênção de Deus e para Ele serão destinados.



Já no dia seguinte frei Messias testemunhou o alvoroço dos operários no terreno próximo à sua capela. O caminhão trazia os tijolos enquanto os homens mediam e esquadrejavam o solo para início da construção.

- Hei de fazer uma linda capela. Capela não, uma igreja! E porque não uma catedral? – Sonhava encavalado no pico da neblina o Prefeito.

E a capela ficou pronta, enfim. Linda construção de paredes rebocadas e pintadas a

PÉS DO MUNDO

óleo; até uma torre nela foi erguida e no alto um belo campanário para o sino. Só não houve os vitrais; devido à escassez de verbas foram possíveis somente janelas de madeira, mas muito bem talhadas, já que João marceneiro era um excelente artífice. Urgia agora negociar com frei Messias, pois a velha capela tinha que ser demolida por sua localização atravancar a passagem da avenida que separaria o bairro populacional do parque das indústrias.

Mas frei Messias era, deveras, um homem estranho. Desprovido das ambições e luxos deste mundo, permaneceu teimosamente celebrando suas missas entre aquelas velhas paredes de barro carcomido pelo tempo.

- Não o compreendo! - Lamuriava-se desanimado o Prefeito ante a sua obra prima. - Não o consigo entender! Não pode ser humana tal criatura! Teimar em permanecer num mísero barraco a poder desfrutar de uma igreja tão bonita e bem edificada como esta? É um verdadeiro disparate! Vejam o sino... Dependurado num tosco tronco de aroeira quando pode-

ria badalar, alegremente, em tão belo campanário que só tem servido a abrigar ninhos de pombos.

Ficou por momentos com olhar perdido na velha corda do badalo balouçante na suave brisa da manhã. Tinha uma fixação perversa em relação ao seu desafeto, o Prefeito.



Nênias e Adalgisa se encontravam às escondidas na capela de frei Messias, quase todos os dias. O amor que o moço sentia pela pequena era puro, desprovido de qualquer sentimento de domínio tão comum nos homens em relação à sua companheira. Bastava-lhe sentir o calor daquele corpo jovem enlaçado ao seu, olhar aqueles olhos negros bonitos como nunca vira iguais na sua vida. Arriscou-se ao primeiro beijo naquela tarde quente e cheirosa de agosto. Já não podia viver sem Adalgisa... Tinha seu corpo e mente mesclados aos da

PÉS DO MUNDO

mocinha, olhos e coração voltados para ela a quem amava loucamente.



Então, por essas épocas, Olhos do Mundo prosperava magnificamente. O Prefeito era generoso na doação dos lotes para formação do parque industrial e implantação de empresas, já que as terras pertenciam à cidade tornando desnecessários os demorados e custosos processos de desapropriação. E as terras destinadas à lavoura, cultivadas por modernas máquinas e adubadas quimicamente, produziam cereais a recordes nunca tidos. Com exceção das pequenas glebas dos camponeses de frei Messias e das terras às margens do rio Fundão, agora sufocadas pelas fazendas da região, todo o município estava nas mãos de grandes latifundiários. Investidores ilustres, industriários e importantes comerciantes visitavam a cidade, programavam reuniões de negócios entre si e apertavam a mão do prefeito que, inflado de orgulho, ria-se sozinho todo feliz da vida. Mas,

esporadicamente, indagavam a ele o porquê daqueles barracos próximos à prefeitura. Aí o prefeito murchava... Sentia-se envergonhado e diminuído no seu brilho e suntuosidade. Então, o ódio ao frei Messias amargava seu coração, ofuscava-lhe a mente sequiosa de anseios de vingança e o fazia débil e tomado de delírios.

Cruzou a rua em marcha decidida remoendo esse infortúnio. Tinha compromissos importantes agendados com o gerente do banco da cidade que, naquele momento, tomava seu café às pressas e estava mais resmungão do que nunca. O bancário ajeitou os óculos sobre o nariz, que teimavam em ficar tortos como se quisessem desabar da sua cara.

- Moleque idiota!... Não sei que graça viu naquela caipirinha cheia de piolhos. É uma raquítica, nem tamanho de gente tem a infeliz e, por cima, fala tudo errado. Tenho que por um fim nesta estória.

Chamou a atenção de Nêbias que já estava à porta, de saída para a escola.

PÉS DO MUNDO

- Você vai voltar à capital!... Hoje à noite trate de arrumar as malas. Vou pedir ao seu tio Eduardo que te apanhe na rodoviária.

Atarantado Nêbias olhou seu pai, mas não retrucou. Limitou-se a sair fechando a porta com cuidado para não batê-la. Mas, ao invés do ginásio tomou rumos da capela de frei Messias.



- O deus de nossa fé é um deus humanizado, que assimila nossas virtudes e defeitos, ama e odeia, dá vida e mata, protege esse e abandona outrem a sua danação. É, também, a concepção do deus utilitário a servir a quem o adora, solucionando todos os problemas do dia a dia sendo comum, assim, associarmos as nossas vantagens ou desvantagens materiais como gosto desse deus feito à imagem e semelhança humana. Sexuado, é homem porque, claro, num mundo historicamente machista seria inconcebível um deus mulher. Tem nome: Javé, Jeová, Alá... Como se o

nome não fosse uma limitação. A pedra é simplesmente pedra não é peixe! Teve um filho, por sua vez, homem. Cercou-se por gerações de importantes personagens machos... A bíblia que o diga!

Voltou-se para Nênias e Adalgisa com o olhar distante, perdido nas profundezas das suas conclusões e continuou:

- É um deus falsificado! O verdadeiro Deus está além do bem e do mal, das qualidades e defeitos que nossa limitação humana só consegue compreender. Sentimo-nos muito importantes e superiores por nos conhecermos. Não somos melhores que a rosa que, sem ter consciência de si mesma, desabrocha pela manhã e espalha suas pétalas ao vento na tardezinha do mesmo dia. Deus se manifesta na candura dessa rosa como se manifesta na fúria do furacão que a brutalmente despedaça. E, digo além, Deus está presente, em sua natureza, tanto na rosa que embeleza nosso mundo quanto na invisível e inabitável estrela mais distante do universo, onde inexiste inteligência

PÉS DO MUNDO

ou fé que o reconheça. Deus é impensável e ilimitado e a nada do que humanamente imaginarmos se assemelha. A morte vem nos libertar da nossa maior limitação, a consciência humana, que nos redoma à insignificância de sermos um. Voltamos às origens, à essência que nos agrega definitivamente a essa força suprema que é Deus. Entendermo-nos como humanos nos limita e brutaliza. Temos que perder essa consciência para que possamos ser um todo com o universo e, assim, nos unirmos plenamente a Divindade. A rocha que calcamos no nosso caminho está mais em harmonia com Deus que nós, míseros pretensiosos. Nos elementos da natureza está a Essência Divina e é ao retorno a esses elementos que nos leva a morte.

Nêias ouvia com atenção as palavras de frei Messias.

- Mas frei, sendo assim tanto faz sermos bom ou mau durante a vida. Porque tanto os bons quanto os maus voltarão às origens e

participarão da mesma Essência Divina pelos elementos naturais do universo.

Frei Messias olhou ao mocinho com olhos além desta realidade e sorriu. A impressão do rapaz foi de que o religioso acabara de retornar de um transe.

- Mesmo para mim persistem mistérios... Só lhe digo que para o mau a morte é um momento terrível; é o que podemos chamar de inferno. Somente ao justo e fraterno é dado o prazer do túmulo.

Dito isso o religioso se dirigiu à sacristia para os preparativos da santa missa.

Amorosamente Nênias abraçou Adalgisa. Estavam sentados no primeiro banco, logo à frente do altar onde a vela acesa resplandecia. A capela ainda estava vazia dos seus fiéis.

- Tenho a impressão de que os superiores do nosso querido frei Messias o excomungarão por heresia, se tomarem conhecimento das suas teorias.

PÉS DO MUNDO

Adalgisa fitou o namorado com reprovação.

- Frei Messias é um santo! Suas palavras são verdadeira expressão da sua intimidade com Deus que nele se manifesta!

- Sim!... Também penso como você. Mas contradizem completamente o que a Igreja tem ensinado aos seus fiéis ao longo de tantos anos. Lembro-me que, num de seus sermões, falou do céu que temos que construir durante nossa vida aqui na terra.

Adalgisa fitou carinhosamente o rapaz.

- Mas o céu é simplesmente isso!... Estarmos em plena comunhão com Deus seja em vida quanto na morte, através da bondade. E Deus está presente nos elementos que formam o universo o que é a bondade.

Nênias fingiu entender e abraçando novamente a pequena a beijou cheio de afeto e carinho.

D'Ori Vergalhão

- Eu sei sim senhora o que é o meu céu: simplesmente você, meu céu azul cheio de anjos dourados!...

Neste momento o sino badalava no pátio da capela. Como era bom sentir o calor daquele corpo angelical ouvindo o velho sino! E Nêbias agradeceu a Deus por aquele momento da sua vida, por frei Messias que aproximara Adalgisa aos seus braços escondendo-os na sua capela para seus momentos de amor. Diferentemente do seu pai, tinha plena certeza da existência de Deus, sempre ao seu lado, para ajudá-lo no seu amor e respeito pela mulher amada.

- Obrigado meu Deus, obrigado!



PÉS DO MUNDO

Na manhã seguinte a moça da limpeza chegou e, como de costume após preparar o café, subiu ao quarto de Nêbias para acordá-lo. Voltou afobada à sala onde o gerente lia os jornais.

- Não dormiu no seu quarto!...

- Como não dormiu! - Gritou o homem exasperadamente, em resposta a empregada. – Moleque...

- Suas roupas também não estão no armário! – Completou timidamente a moça.

Procurou pelas imediações, embalde foi aos amigos indagar. O gerente parou no meio da rua como se, finalmente, entendera tudo.

- Frei Messias, aquele velhaco!

Se dirigindo à capela, encontrou o religioso ajoelhado rezando as matinas. Chegou pisando duro levantando o fino pó do chão, possesso acusando o frei aos gritos.

- Vou denunciá-lo por pederastia, verme humano!

Frei Messias levantou-se, encarou o seu acusador tranquilamente. O gerente sentiu a força provinda daquele olhar, estremeceu, perdeu o jeito, mas num momento seguinte voltou ao ataque. Frei Messias limitou-se a olhá-lo novamente.

- Não julgueis para não seres julgado! Teu filho cresceu, sabe o que quer, já não é, portanto, a criança que imaginas ser. Não és dono do teu filho. Deus concedeu-te apenas a sua guarda; tens a missão de orientá-lo e construí-lo para a vida, mas não é teu. Portanto não o podes proibir que siga o seu caminho com os próprios pés.

Nesse momento Sô Raimundo apareceu à porta da capela, bufando, espumando seu azedume. O gerente compreendeu num relance o que se passara.

- Fugiram, os danados. Fugiram!

E dedo em riste no rosto de frei Messias.

- Você é o culpado, engenhou toda essa patifaria. Esconde-se atrás de um deus duvidoso

PÉS DO MUNDO

para enganar a essa gente atrasada e explorar sua ignorância.

Frei Messias olhou mais uma vez o seu acusador. Este novamente tremeu, deu um passo atrás... Sem saber o motivo sentiu vontade de fugir, correr porta afora da igreja.

- Se Deus não existisse, a quem pediria eu perdão das minhas culpas?

E, novamente, ajoelhou-se aos pés do altar. Sô Raimundo, que até então se mantivera calado, ajoelhou-se ao lado do religioso, o abraçou fraternalmente.

- Meu pai!... Nada tens que pedir perdão a Deus. Só te peço que abençoes minha pequena Adalgisa, onde quer que ela esteja neste momento.

O gerente então saiu da capela, cabeça girando, olhos turvos lacrimejantes como se fumaça misteriosa repentinamente tomara conta do interior da igrejinha.

- Deve ser o enxofre de satanás!...

Já no pátio viu as roseiras floridas ao quente sol da manhã, os bom senhores e as cravinas perfumando a pobreza rústica da capela. Apertou com ambas as mãos à cabeça e permaneceu parado em pé por um momento, desnortado, tentando entender o que se passara minutos atrás no interior daquelas velhas paredes.

- Que força será essa que une tal corja de mendigos a um misero frei envolto em trapos?

Cuspiu enojado nas flores do canteiro.

- Só pode ser o fedor que emana de suas carcaças que desconhecem o que é um banho!...



PÉS DO MUNDO



V

VITÓRIA E DERROTA

Partiu então, o Prefeito, à guerra aberta: conseguiu liminar judicial para a demolição da velha capela. Mas não era só ao frei Messias que aquelas antigas paredes significavam. E, mais uma vez revoltados os camponeses foram à prefeitura. O Prefeito mandou trancar portas e janelas às pressas enquanto Jeremias corria à delegacia para pedir socorro aos homens da lei. Mas a guarnição era precária, formada apenas por um delegado, Lau soldado e mais dois outros despreparados para enfrentar uma situação tão complicada como aquela. E, vendo que não teria a ajuda dos homens da lei, não teve alternativa senão correr à capela, com frei Messias. O encontrou ajoelhado ante o Santíssimo, cabeça reclinada sob as mãos, impregnado de ardor e fidelidade a Jesus.

- Faça algo frei... Pelo amor de Deus!

Calmamente levantou-se e tomando Jeremias pela mão se dirigiu ao pátio, badalou

PÉS DO MUNDO

por um momento o velho sino. No mesmo instante seu povo deixou a prefeitura e debandou em direção à capela. Logo mais frei Messias iniciava a celebração da missa exortando seus fiéis à paz e à fraternidade cristã. Após a celebração, pediu aos seus que lhe arrumassem os carroções e, já naquela tarde, a velha capela estava completamente vazia dos rústicos bancos e dos parvos móveis que a ocuparam por quase um século. Moribunda no abandono humano, órfã dos seus fiéis fenecia agora ausente de Deus.

O Prefeito, por sua vez, festejou a partida de frei Messias. Julgava que, sem a presença do religioso, tornar-se-ia possível dobrar a mentalidade da sua gente e convencê-la a lutar por uma melhoria de vida. Começaria com a demolição dos barracos e construção de casas de alvenaria, para proporcionar mais segurança e conforto a suas famílias, todas com energia elétrica e, quem sabe, até água encanada se possível fosse represar o ribeirão dos Anzóis que passava a menos de duzentos metros da cidade. Foi neste meio tempo que recebeu notícias da

capital o convidando para uma reunião com políticos importantes, já que estavam às vésperas de eleições.

Exultante o Prefeito preparou sua viagem. Aproveitaria a ocasião para pleitear verbas, para a construção das casas ao seu povo, junto à gente influente do Estado.

- Deverei permanecer de quinze a vinte dias fora seu Jeremias, cuide bem da Prefeitura enquanto isso.

Resolveu dar a importante noticia aos moradores indo de casa em casa, já que tinha certeza de que não viriam se os convidasse à uma reunião. Mas, quando se aproximou dos casebres, notou que todos os moradores recolhiam suas crianças às pressas e trancavam portas e janelas, coisa inédita em Olhos do Mundo. Desenxabido voltou à prefeitura, mas nada comentou com seus funcionários.



PÉS DO MUNDO

Enfim, passaram-se duas semanas.

- O senhor Prefeito acaba de retornar da sua viagem à capital e já foi procurar os esfarrapados. - Comunicou dona Maricota ao assessor, com um rizinho malicioso na cara murcha cheia de rugas.

Jeremias olhou pela janela. O prefeito, qual barata bêbada, perambulava entre os barracos.

- Abandonados, meu Deus!... Foram-se!... Foram-se todos!...

Espiava, desolado, pelas portas e janelas abertas, o interior dos casebres agora às moscas. Sentiu falta da algazarra das crianças em seu folguedo e das mãos nas tábuas de lavar roupa tagarelando com comadres, remexendo as tinas donde a espuma branquinha transbordava. Viu inúteis os varais de arame farpado, onde dantes o vento brincalhão, por anos a fio, flamulara velhas roupas remendadas. Reparou que, nos jardins, as flores haviam perdido o seu

viço e já não atraíam mais as lindas borboletas azuis. Olhou com mágoa ao redor dos quintais... Sem mãos generosas a irrigá-las murchavam-se as hortaliças nos seus canteiros e, aqui ou ali, alguma galinha esquecida ciscava o terreiro cacarejando.

- Chorando, senhor Prefeito? - A voz às suas costas o assustou. Virou-se e baixou a cabeça ao notar a presença de João Fernandes desdenhando sua tristeza, fazendo pouco do que lhe arranhava o coração. - Realmente, não o entendo!... Julguei que encontraria Vossa Excelência aos pulinhos por ver aqui que enfim os maltrapilhos se mandaram!...

Inteirou-se, então, que o seu povo se mudara às margens do Rio Fundão, para onde frei Messias levara sua capela, construindo lá outra vila. E por muito tempo o novo povoado ficou sem nome. Aliás, nunca teve propriamente um nome. Seus moradores simplesmente o chamavam “Aqui” e a população de Olhos do Mundo se referia a ele como “Lá”. Mas agora

PÉS DO MUNDO

tudo se transcorria em paz e ninguém afinal incomodava ninguém... Assim tocavam a vida.

Terminado o período de férias escolares e, tendo a prefeitura recebido a doação de um ônibus, na madrugada do primeiro dia de aula o veículo percorreu a estradinha poeirenta que levava a “Lá”, indo buscar as crianças do vilarejo para a frequência escolar. Mas, qual não foi a decepção do Prefeito ao ver o ônibus retornar vazio, uma hora mais tarde.

- Não deixaram vir as crianças! – Lamuriou-se. - Não deixaram!...

Chamou Jeremias aos gritos e, momento após, o jipe rodava na estradinha levando o prefeito a remoer mágoas antigas e sequioso por vingança. Chegando, entrou furioso no santuário acompanhado por Jeremias, gritou por frei Messias.

O religioso falava com um casal aos fundos da capela, veio atender a quem o chamava. O Prefeito, ao vê-lo, se retraiu, deu alguns passos atrás, mas recobrando sua

coragem avançou contra frei Messias e, sem que Jeremias o pudesse conter, esbofeteou o religioso violentamente. Frei Messias perdeu o equilíbrio, tropeçou no estrado de madeira que elevava o altar trinta centímetros em relação ao chão da capela, caindo entre os oratórios.

Um grito cheio de aflição se ouviu vindo da porta da sacristia. Adalgisa e Nêbias correram a socorrer a frei Messias, mas antes que se aproximassem o religioso já se pusera de pé e, completamente fora de si, se atirou violentamente contra o Prefeito esmurrando-o na boca enquanto seu punho esquerdo o alcançava na altura do abdome. O Prefeito levou as duas mãos à barriga e caiu no chão em gemidos.

- Não bula mais com o meu povo! - Gritou cerrando os dentes o clérigo, olhando desvairado o Prefeito que se ajoelhara na terra batida da capela. Viu o filete de sangue que escorria do canto da boca avermelhando a barba embranquecida no queixo do homem.

- Nada quero com sua gente ingrata, satanás! A única coisa que eu quero são as

PÉS DO MUNDO

crianças de “Aqui” freqüentando a escola em Olhos do Mundo, a fim que não cresçam abestalhadas como os seus pais.

Com dificuldade levantou-se auxiliado por Jeremias e saiu da capela. Seu jipe já se distanciava cerca de um quilômetro do vilarejo quando ouviu o sino da capela repicando.

- Quanto eu daria para que essas badaladas anunciassem o enterro desse ser vomitado do inferno!... - Resmungou o Prefeito.



Na manhã seguinte acordou febril. A cabeça girava o fazendo ver sombras estranhas pelo chão, como se um rol de espectros o perseguissem. Dirigiu-se penosamente para a prefeitura e se trancou no seu gabinete. Minutos após, ouvindo gritos de alegres crianças entrarem pela janela da sua sala, correu ao alpendre da prefeitura. Viu o ônibus escolar,

chegando de “Lá”, repleto de crianças gritando a alegria que somente a inocência dos pequenos é capaz. Ululou também de felicidade, o Prefeito... Girou seu corpo numa dança estranha cheia de movimentos e trejeitos, bateu palmas, deu pulinhos de contentamento e, abraçando dona Maricota que viera ao pátio no intento de entender o que se passava, a arrastou a passos de dança porta adentro, rindo e cantarolando.

Dona Maricota, a custo, conseguiu livrar-se do arrocho dos braços do Prefeito gritando-lhe pasma de revolta.

- Ficou louco de vez, senhor Prefeito?



O Prefeito remoia o passado. Lembrava os tempos de Pés do Mundo, quando todos cordialmente se cumprimentavam pela manhã e, amigos, procuravam se ajudar uns aos outros. Na realidade, embora parecendo miseráveis,

PÉS DO MUNDO

não houvera pobreza em Pés do Mundo. Havia fartura de comida e, entre as famílias, a fraternidade de então contrastava com os tempos atuais onde cada um cuida da sua própria vida e vizinho não conhece vizinho. Comumente, agora, via crianças a mendigar nos faróis da avenida, ao passo que poucos se enriqueciam na exploração da mão de obra dos operários das fábricas que davam duro feito escravo, a troco de um salário minguaado e em condições precárias de trabalho, o que os tornava doentes e irritadiços. Isso fazia com que, após o serviço, ao chegarem às suas casas, se enchessem de cachaça e, corriqueiramente, espancassem mulher e filhos.

Viaturas da policia cruzavam as ruas loucamente, atendendo a ocorrências muitas vezes funestas.

Atordoadado ouviu seu assessor chamando-lhe a atenção:

- Tem que tomar providências senhor Prefeito!... Há casos de prostituição de meninas

no ginásio e o uso de drogas se torna cada vez mais freqüente!

Mandou nervosamente seu assessor sair da sua sala, como se o mandasse às favas. Pegou, de sobre a mesinha, o periódico que atendia a cidade, leu em letras garrafais na primeira página: “Briga e assassinato no bordel de Ana Rita eleva a cidade de Olhos Do Mundo à posição de sexta mais violenta do Estado”.

- Não autorizei montarem um bordel na minha cidade! - Protestou o Prefeito.

Deu uma olhada na segunda página. - “Os assaltos à residência aumentaram neste mês de maio em mais de vinte por cento em relação ao mesmo período do ano passado e, já não é seguro transitar pela avenida central, após as vinte e três horas, devido aos rachas dos jovens boys que já deixaram um morto e pelo menos doze feridos no último semestre”.

E mais adiante:

- “Estudantes enfeiam os muros da cidade com pichações e vândalos destruíram,

PÉS DO MUNDO

nessa madrugada, os bancos da pracinha da igreja matriz e quebraram os novos coqueiros plantados pela prefeitura nos canteiros da avenida. Causam prejuízos irrecuperáveis aos cofres municipais, todas às noites”.

Indignado rasgou o jornal com violência, atirou os pedaços na lixeira. Neste momento entrou João Fernandes, sentou-se na poltrona defronte à mesa do Prefeito.

- Temos que decidir na câmara municipal, nesta próxima sexta-feira à noite, o contrato de arrendamento das terras às margens do Rio Fundão à Xangai Rural. Esses caipiras estão curtidos na preguiça e suas roças definham na quiçaça. É hora de lhes tomar definitivamente as terras e as entregar a uma empresa que as faça produzir todo o seu potencial e não deixá-las a mercê dessa gente que só produz o mínimo para sua subsistência.

O prefeito sentiu a cabeça girar, bêbado de tanta coisa ruim. Esperou o presidente da câmara sair, levantou-se e foi para a rua. A

cidade crescera acompanhando a rodovia e a prefeitura acabara por ficar na periferia.

Assim, a pouco mais de cem metros atrás do paço municipal começavam as roças de milho e feijão e, a menos de meio milha restara uma gleba de matas, coisa de vinte e poucos alqueires, a única que a muito custo conseguira livrar da ganância dos agricultores que haviam se instalado ao redor de Olhos do Mundo. Meteu-se mata adentro sentindo a paz da natureza virgem, ouvindo o mavioso canto dos passarinhos que, a muito, haviam debandado da cidade devido o ruído dos veículos e das fábricas. Sentou-se nas pedras, à beira do riacho que corria mansamente entre tufos de samambaias e aguapés, olhando os peixinhos prateados deslizando agilmente a pouco mais de um palmo d'água.

Borboletas azuis e amarelas sobrevoavam as lindas flores selvagens e havia dezenas de libélulas em vôos rasantes sobre as águas sussurrantes. Era tão bom ver aquelas águas livres do esgoto e poluição das fábricas.

PÉS DO MUNDO

Lastimou a sina de ribeirão dos Anzóis. Pior, vinha dele a água da qual se servia a população de Olhos do Mundo.

Sentiu saudades novamente dos tempos da velha Pés do Mundo. Não que estivesse arrependido, pois era um orgulho sem par o fato de que, em menos de uma década, conseguira transformar um vilarejo de miseráveis barracos prestes a desmoronarem, numa promissora cidade com o comércio mais forte da região e um parque industrial que se expandia a cada ano, dando ao município o status de um dos pólos industriais mais importantes do Estado. Essa era sua Olhos do Mundo, a pérola que sempre sonhara construir.

Mas, sentia no fundo do coração, que a agitação que tomara conta da sua cidade realmente não a tornava o melhor lugar para se viver. Lembrou as tardes de outrora, quando os caboclos sentavam-se à frente de seus barracos para tocar viola e cantarem musica SERTANEJA (que saudades). A moderna rádio FM de Olhos

do Mundo só tocava músicas barulhentas internacionais.

Voltou à prefeitura já sol a pino e foi ao cofre, dele retirando uma das escrituras das terras; queria ter certeza mais uma vez. Abriu a pasta de papelão grosso e amarelado e leu com atenção. Num engano do tabelião, a posse da gleba de terras dos lavradores da antiga Pés do Mundo saíra no seu nome e não ao município como pretendera anos atrás. Não voltou a pasta ao cofre. A socou na sua valise e saiu da prefeitura sem falar com ninguém. Só retornou dois dias após e chamou Jeremias à sua sala.

- Todos estávamos preocupados senhor Prefeito.

Fingiu não escutar, pois percebeu um tom de mofa na voz do seu assessor.

- Tenho eu uma incumbência a Vossa Senhoria.

E entregando um grosso envelope ao moço.

PÉS DO MUNDO

- Leve ao Frei Messias. Peça a ele que, encarecidamente, mande os interessados botar o dedão nesses papéis e os me devolva.

Jeremias se dirigiu para “Lá”, mas durante o trajeto parou o carro e, tomado de curiosidade, abriu o envelope se inteirando dos papéis que nele se guardavam. Retornou pela tardezinha e foi direto à casa de João Fernandes.

- Devolveu aos preguiçosos a posse das terras, nosso caro Prefeito!...



Na manhã seguinte, ao chegar para o seu turno de trabalho, dona Maricota deparou-se com o presidente da câmara no gabinete do Prefeito. Com os olhos injetados de sangue e falando com jeito de quem havia bebido muito, prensava o magistrado contra a parede.

- Registrou as escrituras como doação aos esfarrapados de “Lá”.

O Prefeito demorou um pouquinho a retrucar.

- Na realidade as terras eram minhas e não da prefeitura. Fiz o que meu coração pedia e ninguém tem a ver com isso!

O presidente estranhou esse pormenor que desconhecia, mas reservou a dúvida para si mesmo no tocante a esclarecer o fato posteriormente, julgando que o Prefeito blefava.

- Mas o fez, sua excelência, com dinheiro público! Isso é improbidade administrativa. Cabe prisão à vossa pessoa!

Balbuciou o Prefeito, olhando de soslaio o presidente da câmara:

- Julguei que podia fazê-lo como uma retirada parcial dos nove meses de salários atrasados que tenho a receber da prefeitura!

- Mas não o podia fazer, nem mesmo devolver as terras a eles! - Esbravejava o João Fernandes, boca espumando como acontecia

PÉS DO MUNDO

sempre que falava, agora mais porque estava nervoso, causando nojo ao Prefeito.

- O que se faz está feito! Sua excelência tome as providências que achar conforme!

E levantando-se foi até a porta do gabinete.

- Agora me faça o favor de se retirar.

João Fernandes olhou raivosamente para o Prefeito, bracejou nervosamente.

- Vossa pessoa verá do que sou capaz...
Aguarde!...



Na manhã seguinte o Prefeito notou, ao chegar à Prefeitura, que algo não corria bem. Jeremias evitou-o na entrada da sua sala e dona Maricota não o cumprimentou como de costume. Os demais funcionários ainda não haviam

chegado, coisa nunca acontecida se atrasarem. Entrou na sua sala e se pôs a assinar os despachos do dia.

Na parede do corredor o relógio marcava oito horas e trinta e cinco minutos quando ouviu gritos na rua, defronte ao paço municipal. Prestou atenção para entendê-los.

- “Prefeito ladrão! Abaixo o prefeito ladrão!”

Saiu às pressas da sua sala e se dirigiu à porta de entrada do prédio. Todo o pátio frontal da prefeitura fora tomado pela multidão enfurecida que gesticulava e pisava com força nos canteiros, massacrando as flores. Assustado trancou a porta principal. Só aí, então, notando a ausência de Jeremias e dona Maricota, percebeu que estava sozinho dentro da prefeitura.

- Fugiram!... Deixaram-me abandonado à própria sorte, os covardes!

Neste momento a primeira pedra atirada da rua por alguém mais agitado atingiu a vidraça onde espiava. Os estilhaços de vidro caíram

PÉS DO MUNDO

sobre sua cabeça ferindo-lhe o rosto e os braços, o fazendo perceber o quanto estava perdido. Tomado de desespero sentiu a calça molhada, os olhos embaçados pelo sangue que lhe escorria na cara. Correu pelo interior da prefeitura em direção a porta dos fundos; tinha que alcançá-la antes que os loucos cercassem o prédio. Ganhou a porta, correu os poucos metros que separavam a prefeitura da rua de trás e se escondeu no meio das moitas de bananeiras do quintal vizinho.

Foi quando homens armados de pau chegavam aos fundos do prédio quebrando o que encontravam pela frente e invadiram com fúria animal a prefeitura; escutou os gritos de “matem, matem” e a algazarra a todo vidro quebrado, a cada móvel destruído. Andando agachado entre as bananeiras alcançou o próximo quintal e correu afobado até a rua que delimitava o período urbano das roças de cereais.

Havia crianças cantando na frente de uma casa, mas na inocência e pureza do seu

brinquedo nem o notaram. E, atravessando a cerca, entrou aos tropeções na lavoura, calças cheias de picão e carrapicho rasgadas pelo arame farpado. Logo à frente iniciava a mata. Via nela sua única chance de salvação. Desesperado embrenhou-se pela mesma e se escondeu entre os arbustos cerrados que formavam os cem metros iniciais da vegetação nativa. Logo mais ouviu gritos de homens e ruído de galhos cortados a facão.

- Me procuram. Estão no meu encalço, os malditos! Vão me matar!

Tomado de pavor atroz se embrenhou no interior na mata e por três dias perambulou sem rumo, febril e sedento, naquele meio selvagem. Na manhã do quarto dia, exausto, sentiu-se desfalecer. Percebia luzes estranhas se mexendo ao seu redor, mas eram simplesmente os raios de sol, fluindo entre as ramagens do arvoredor, a se projetar pelo chão de folhas secas onde formigas negras infestavam. Caiu, então, numa sonolência que o fazia sentir-se etéreo, já não senhor do seu corpo e mente, no mais cruel dos

PÉS DO MUNDO

abandonos. Foi quando ouviu os passos... Alguém furtivamente se aproximava. Em vão quis levantar-se para fugir. O indivíduo chegou e se ajoelhou ao seu lado, ergueu-lhe a cabeça. Sentiu a corda passada em torno do seu pescoço o fazendo sufocar, o pavor minando todo o seu ser, o corpo maltratado a tremer de medo e angústia. Num esforço supremo abriu os olhos e fitou o rosto do seu algoz.

- Frei Messias!...

Levantou os braços e gritou rouco, quase sem forças.

- Piedade! Pelo amor de seu Deus, piedade!



VI

RECONCILIAÇÃO

Frei Messias saiu do santuário já alta noite, parou no pátio e fitou o céu salpicado de estrelas cintilantes. Estava abatido e pálido, com aspecto doentio. A passos lentos atravessou os poucos metros que separavam a capela do barraco de Nhá Zefa e nele entrou. Não havia luz naquela casa; apenas uma vela acesa a Nossa Senhora iluminava fracamente o interior da sala. A benzedeira remexia nos potes de líquidos viscosos mantidos sobre uma mesinha de canto recoberta com impecável toalha branca.

- Como ele está?

Nhá Zefa, sorrindo sua santidade, veio de encontro à Frei Messias, raminhos de arruda e alecrim entre os dedos imaculados da mão magra que só abençoaram e curaram na vetustez dos seus dias.

- Fique tranquilo! Continua delirando, mas o pior já passou. Dentro de dois a três dias ele poderá deixar o leito.

PÉS DO MUNDO

Nas semanas que se seguiram o Prefeito ficou morando no quartinho aos fundos da capela, mas quando se sentiu forte novamente revelou ao padre o desejo de construir um casebre para si, bem às margens do rio, onde os passarinhos mais bonitos tinham os seus ninhos.

E assim o fez. Dispensando a ajuda dos moradores construiu ele próprio o seu belo barraco, como dizia garbosamente todo feliz da vida.



Cerca de um ano passou tranqüilo em “Aqui”, trabalhando na horta de frei Messias, ajudando na colheita de feijão e de milho.

- Até ordenhar as vaquinhas de Sô Raimundo o senhor Prefeito aprendeu! - Dizia troçando o jovem Nêias. - Vou fazer um poema ao senhor Prefeito, pois bem merece nossos aplausos!

Mas, vai daí, bateu a saudades dos seus velhos e bons tempos políticos. E, certo que mais moderadamente, voltou a questionar os moradores. Foi então que avisou a todos, fossem à entrada do povoado na manhã daquela quinta feira que teriam uma surpresa.

Cedinho já estava o prefeito à entrada de “Aqui”. Fixara algo no tronco da grande figueira que ostentava o início da propriedade e o cobrira com um manto vermelho emprestado da sacristia de frei Messias. Logo mais foram chegando os moradores do povoado. Não que tivessem vindo para a cerimônia preparada pelo Prefeito, já que acostumadamente essa era a passagem para as suas roças. Iam seguir adiante, mas a um gesto de frei Messias descansaram suas enxadas e ficaram em pé, calados de frente ao Prefeito, que com medo de perdê-los se apressou a concluir a cerimônia com um breve discurso.

- Como já disse a vocês, “Aqui” e “Lá” não se prestam para nome de sua bela cidade! Por isso tomei humildemente a liberdade de

PÉS DO MUNDO

escolher um nome apropriado que, com toda certeza, será do agrado de todos.

E, num gesto rápido, descerrou a placa de madeira presa ao tronco onde se lia em letras irregulares pintadas pelo próprio Prefeito:

“BEM VINDO A PÉS DO MUNDO”.

Os roceiros nada compreendendo ficaram a olhar para o religioso que leu para eles os dizeres da placa. No mesmo momento tomaram das suas enxadas e, taciturnos, partiram para suas roças.

Desenxabido o Prefeito encarou o clérigo.

- Acha que não gostaram?

Frei Messias abanou a cabeça, falou sorrindo:

- O lobo...

Não completou o antigo ditado; abraçou amigavelmente o Prefeito.

D'Ori Vergalhão

- Deixe-os!... A bondade dessas almas se faz justamente no seu modo sincero de ser.

Neste momento o sol despontava sobre os morros longínquos, iluminando vidas e abrasando corações. Frei Messias apontou à distância:

- Veja! Não é realmente lindo o sol nascente em Pés do Mundo?

O prefeito olhou os morros que, lentamente, iam se dourando ao sol.

- Sim, realmente é muito belo!

Era a primeira vez, em sua memória, que atentava num dos mais dignos e perfeito espetáculo do Criador.

Ficaram por alguns minutos com o olhar distante no horizonte e depois, sem se apressarem, foram retornando abraçados ao povoado.

Num momento o Prefeito parou e ficou a fitar os olhos de frei Messias. Sentiu dali emanar uma energia sublime que o fazia forte e em paz

PÉS DO MUNDO

com a vida, como se aqueles bondosos olhos canalizassem a força de um Ser Supremo que, apesar de não vermos, se faz presente a cada momento das nossas vidas, na alegria ou tristeza, na saúde, doença e até na morte, a nos fortalecer a cada ato nosso por um mundo melhor, fraterno e justo. Abraçou com força a frei Messias.

- Meu amigo, como tiveste razão o tempo todo!

Frei Messias fez um sinal com os dedos e piscou.

- Ambos estivemos certos! Apenas nos deparamos com razões diferentes. A divergência de opiniões, embora cause atritos, não deve invalidar a franqueza das nossas escolhas e, muito menos, ofuscar a visão diversa que tenhamos de uma mesma realidade.

Permaneceram por alguns minutos em silêncio, embalados pela reconciliação plena e conclusiva de suas vidas opoentes e só depois

D'Ori Vergalhão

sorridentes, almas então rejuvenescidas, ainda braços dados um ao outro entraram na capela.

Logo mais, naquela manhã serena, o sino tangia docemente.

Chamava as crianças de Pés do Mundo para as aulas com frei Messias.



PÉS DO MUNDO



D’Ori Vergalhão

“Não nos entendemos a não ser individualmente. E, como indivíduos, nossa tendência é crer num deus também individualizado. Não nos mentalizamos na unicidade do universo vinda de um Deus inserido na criação... Que cria, sendo a própria criação”.

Frei Messias



PÉS DO MUNDO

“A dignidade e o valor humanos se fundamentam na proporção entre acertos e erros que permeiam nossa vida; daí sermos heróis ou vilões da nossa própria história. Mas é praxe da humanidade desvalorizar o santo assim como enobrecer o perverso. Chamamos de senhor a quem nos engana e humilha e menosprezamos o humilde em sua coerência, só porque não aparenta grandeza. A honestidade torna-se a cruz do nosso dia a dia e, não raro, nos põe à submissão da prepotência e sagacidade da hipocrisia humana e sua ganância. Na loucura pela posse material, as pessoas não percebem que a grandeza verdadeira está na simplicidade dos pequenos e nas pequenas coisas. A flor, que no campo nos passa despercebida, está mais próxima da perfeição divina do que possamos imaginar. A vida é passageira... O que importa é não torná-la supérflua em sua brevidade, já que sua porção majoritária não passa de fantasia”.

Frei Messias



D'Ori Vergalhão

“Não passamos de mendigos contumazes.
No transcorrer da nossa vida nos ocupamos a
mendigar amor, carinho, compreensão que,
como todo mendigo, nem sempre temos”.

Frei Messias



PÉS DO MUNDO

“O mundo é eterno, porquanto somos eternos”.

Frei Messias





PÉS DO MUNDO

